

## Júlio Dinis (1839 – 1871)

### Principais obras:

*As Pupilas do Senhor Reitor- Crônica da Aldeia* (1867);  
*Uma família Inglesa – Cenas da Vida do Porto* (1868);  
*A Morgadinha dos Canaviais – Crônica da Aldeia*(1868);  
*Serões da Província* (1870);  
*Os Fidalgos da Casa Mourisca– Crônica da Aldeia* (1871)  
*Poesias* (1874);  
*Inéditos e Esparsos* (1910);  
*Teatro Inédito* (1946-1947)

As novelas de JD têm como cenário pequenas cidades e espaços rurais do norte de Portugal. A única exceção é *Uma família inglesa* que se passa no Porto.

Tendo publicado entre 1866 e 1871, Dinis situa-se, rigorosamente, entre a primeira geração romântica (Garrett morre em 1854, Herculano havia publicado seu último livro de ficção em 1851) e a geração de 70 (JD morre no ano das *Farpas* e das Conferências do Casino). É. Ainda, contemporâneo do período mais popular da obra de Camilo.

Eça, ironicamente, comenta a morte do autor em *As Farpas*  
 “Júlio Dinis viveu de leve, escreveu de leve, morreu de leve.”

Apesar da ironia, alguns aspectos de *A morgadinha* serão utilizados por Eça, muitos anos depois, tanto no conto *Civilização* como no romance *A cidade e as serras*

Vejam apenas um exemplo

Meia hora depois, Henrique, banhado, enxugado e comodamente vestido, saboreava uma gorda galinha de canja, sobre uma mesa coberta de toalha lavada, e na melhor louça da copeira.

Ele, que tinha sempre severidades de crítica contra os mais afamados cozinheiros de Lisboa, estava achando deliciosa aquela comida primitiva, com que o regalava a tia.

Mas lá abancou resignado, e muito tempo, pensativamente, esfregou com o seu lenço o garfo negro e a colher de pau. Depois, mudo, desconfiado, provou um gole curto do caldo, que era de galinha e rescendia. Provou, e levantou para mim, seu companheiro e amigo, uns olhos largos que luziam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada de caldo, mais cheia, mais lenta... E sorriu, murmurando com espanto: Está bom!

Estava realmente bom: tinha fígado e tinha moela: o seu perfume enternecia. Eu, três vezes, com energia, ataquei aquele caldo: foi Jacinto que rapou a sopeira. Mas já, arredando a broa, arredando a vela, o bom Zé Brás pousara na mesa uma travessa vidrada, que trasbordava de arroz com favas. Ora, apesar da fava (que os gregos chamaram ciboria) pertencer às épocas superiores da civilização, e promover tanto a sapiência que havia em Sício, na Galácia, um templo dedicado a Minerva Ciboriana — Jacinto sempre detestara favas. Tentou todavia uma garfada tímida. De novo os seus olhos, alargados pelo assombro, procuraram os meus. Outra garfada, outra concentração... E eis que o meu difícilíssimo amigo exclama: Está ótimo! Eram os picantes ares da serra? Era a arte deliciosa daquelas mulheres que embaixo remexiam as panelas, cantando o Vira, meu bem? Não sei: mas os louvores de Jacinto a cada travessa foram ganhando em amplitude e firmeza. E diante do frango louro, assado no espeto de pau, terminou por bradar: Está divino!

O livro começa nos fazendo seguir o ponto de vista de Henrique, desde o momento anterior à chegada dele na aldeia, até a visita ao Mosteiro. Conhecemos, nas suas andanças, tanto a sua tia, como a Bento Pertunhas . Aqui a narrativa é interrompida, para ser descrito este espaço.

A casa do Mosteiro, com a quinta anexa à casa, como o dava a entender o nome pelo qual o povo a conhecia, tinha pertencido em tempos a uma Ordem monástica.

Era um destes conventos campestres que hoje ou se encontram em ruínas ou transformados em solar de alguma notabilidade provinciana. Ao de que falamos coubera o último destino.

Incluído, depois do ato ditatorial de 1834, na lista dos bens nacionais, fora, por insignificante preço, vendido a um modesto proprietário das imediações, mais arrojado do que os vizinhos, ou mais convencido da estabilidade da nova ordem de coisas políticas, que se inaugurava no país.

E, em tão auspiciosa hora lhe acudira aquela inspiração, que, em pouco tempo, lhe restituía a quinta o capital empregado, regalando-o todos os anos com não calculados juros, e ele, sem intermitências, cresceu daí por diante em prosperidades a ponto de deixar, ao morrer, a família no número das mais abastadas naquela terra.

Extinção das Ordens Religiosas pelo decreto de 28 de Maio de 1834, na origem do qual esteve um processo de estatização do importante patrimônio destas instituições, que passou a constituir parte substancial do patrimônio do Estado (<http://www.bensculturais.com/documentos/1990-PatrimonioHistoricoCulturalDaIgrejaCEP.pdf>)

Não é difícil de notarmos as semelhanças entre a compra do Mosteiro e o início de *Eugênia Grandet*, mostrando, assim, uma espécie de homologia entre a França após a revolução e o Portugal de 1834.

É no entanto interessante notar que no período, em Portugal, esse tipo de atitude ainda não era bem-vista

Brasileiro Seabra:

Foi ele, por exemplo, quem teve o cuidado de lembrar que a família do conselheiro estava de posse de bens religiosos, circunstância que o missionário atendeu, clamando do púlpito contra os dilapidadores dos bens da Igreja.

Notemos, porém, que o livro citado em *A morgadinha* não é de Balzac, mas de Goethe

E, elevando a voz:

— V. Exa. está-me recordando uma cena de um precioso livro, que nunca me canso de ler.

— Qual é?

— Werther.

— Ah!

— Conhece?

— Conheço. quero dizer, li-o, por acaso, há pouco tempo. Compara-me a Carlota? É por estar a distribuir as rações destas crianças? Que mulher há que não seja Carlota, nessa parte? Em todas as casas se passa uma cena assim. Bem se vê que não tem família.

A conversa sobre este livro, também mostra a distância que separa Madalena de Eugênia. Esta, como vimos, alguém que viveu toda a sua vida na província. Aquela alguém que, educada na cidade, optou pela vida na província. De fato a personagem que, de alguma forma, se aproxima de Eugênia é Cristina. Podemos mesmo

pensar que o par Henrique/Cristina tem algo do par Carlos/Eugênia: o fato de serem, mesmo que de forma distante, primos, a pureza e ingenuidade de Cristina, o fato de Henrique ser alguém que vem da cidade.

Vamos seguir o ponto de vista de Henrique até o capítulo VI em que, com habilidade, o narrador muda de ponto de vista:

O leitor, se alguma vez realizou uma viagem na companhia de qualquer amigo, há de ter observado que, durante os primeiros tempos que passam juntos numa terra para ambos desconhecida, tão alheios às coisas como às pessoas, no meio das quais se veem, nem por momentos se sofrem separados: um segue sempre o outro em todos os passos que dá, precisa dele para comunicar-lhe as primeiras impressões recebidas, e pedir-lhe em troca as suas;

à medida, porém, que, pouco a pouco, se vão familiarizando mais com os lugares e com as personagens daquele mundo novo, afrouxa a constrição desses laços, e cada um começa a readquirir a independência individual, que de moto próprio tinha abdicado.

Um facto semelhante nos sucede com Henrique de Souselas. Encontrámo-lo na estrada; na companhia dele entrámos numa terra, onde tudo nos era estranho; nada mais natural do que dar o braço um ao outro, passar juntos a

manhã, e fazer, em comum, as nossas visitas. Agora, porém, que temos já algum conhecimento da terra e da gente, é tempo de nos declararmos independentes, e sacudirmos o jugo de uma companhia forçada, a qual, embora seja de um amigo estimável, se é forçada, é sempre jugo, em certas ocasiões.

(...)

Deixemos, pois, Henrique de Souselas entretendo com a tia Doroteia a mais pacífica das conversas que podem auxiliar a digestão de um jantar; deixemo-lo no tranquilo recinto de Alvapenha, e vamos associar-nos a um dos nossos recentes conhecimentos, que é Augusto, o mestre de Mariana e de Eduardo,

Outro dado interessante é que, de alguma forma, o par Madalena/Augusto também possui algo que nos lembra outro livro francês: *O Vermelho e o Negro*. Augusto é um Julien Sorel sem ambição e moralmente correto, Madalena, uma Mathilde campesina. Graças a sua não hipocrisia Augusto não consegue ser padre, numa situação que é o inverso da presente em *VN*.

Será seguindo o ponto de vista de Augusto que chegaremos a outros personagens importantes da trama. O narrador nos apresenta tio Vicente, e, logo depois, nos faz encontrar Ermelinda, sem deixar de introduzir o papel negativo do clero. Seremos apresentados a um conjunto de personagens secundários: o núcleo dos “pobres”, composto pelo recoveiro Cancela (também conhecido como Herodes), e o casal Zé P’reira e a Sra. Catarina. Este conjunto popular, e a presença negra do clero representada pelo padre Domingues, representa um dos núcleos que vai ser destruído pela narrativa.

No capítulo XI mais uma vez o narrador usará de um artifício para nos levar a conhecer os personagens que ainda faltam: aqueles que comporão o núcleo “ruim” da narrativa: além do já apresentado Bento Pertunhas, o Sr. Joãozinho e o brasileiro Seabra. Eles, de fato, são mais estúpidos do que de fato “ruins”, apesar das artimanhas que tramam.

Censurável descuido tem sido o nosso em não conduzir o leitor a um dos lugares mais importantes da aldeia onde se passam os singelos episódios desta narração.

Que se diria de um cicerone, que, por esquecimento ou propósito, deixasse de apresentar um viajante, recém-chegado a uma cidade, na assembleia, clube, grémio, ou o que quer que seja, onde se reúnem as principais personagens dela, onde se compendiam as grandes questões e interesses locais, as pequenas vaidades e intrigas, as modas efémeras, os volúveis caprichos que agitam os espíritos, onde se comenta o boato de ontem, se dão ao de hoje mil versões diversas e se adivinha já o de amanhã?

Pois no mesmo delito incorremos nós, chegando a este undécimo capítulo, sem ter guiado os leitores à venda de Damião Canada, a qual podia dizer-se o verdadeiro coração daquele organismo social.

No capítulo XVII temos um confronto há muito esperado: o do conselheiro com o tio Vicente. Merece ser lida a conversa entre os dois, pois mostra a força destrutiva (e inevitável) do progresso

Sê franco, que eu te ouvirei.

— Pois bem, serei franco. Sim, confesso-te: era indispensável que esta estrada se fizesse. Bem o sabes. Estava nisso empenhada a minha palavra e a minha honra. Há muito que os meus adversários me fazem guerra por causa

dela. Trabalhei e consegui, apesar desta situação política me ser contrária. Três traçados se ofereciam. Um sacrificava uma grande parte dos bens dos meus filhos, de Ângelo, que não é muito rico, que está no princípio da existência e que só Deus sabe se no decurso dela não teria ocasião de maldizer a imprevidência de quem devera olhar por os seus interesses. Querias que o sacrificasse? Sabes que os Brejos, vendidos hoje, nada valiam, e que, dentro em pouco tempo, convenientemente trabalhados, podem ser de um valor importante. Querias que o fizesse? Ou não me desculpas por o não ter feito?

— Fizeste bem — respondeu o ervanário.

— O outro traçado cortava os bens do brasileiro Seabra. Conheces este homem? Um elemento que, nas mãos de quem lhe saiba lisonjear e conduzir a vaidade, pode ser de utilidade para esta terra, mas também uma cabeça que,

entregue a si, não faz coisa de jeito. O homem opunha-se formalmente a esse traçado; se o não atendesse, declarava-se, por despeito, no campo contrário ao meu. Se vencia, e algumas armas tem para lutar, imagina a calamidade que seria para este círculo o confiar àquelas mãos os seus destinos; vencido, era perder a esperança de tirar dos bem fornecidos cofres, que o homem possui, alguma coisa mais útil do que um sino para a igreja ou vestimentas novas para as imagens dos altares. Eu ando a catequizar o homem, para ver se consigo dele uma casa para escolas, melhor do que esse albergue que aí temos, (...) se o desatendesse, lá iam as esperanças destes melhoramentos tão úteis, e que o mais que nos poderão custar é um diploma de visconde ou uma comenda. Sei que te não agradam estes meios, porém olha que em política são dos mais inocentes que podem empregar-se. Já vês, pois, que o segundo traçado tinha desvantagens para o círculo, por cujo interesse me empenho deveras; podes crê-lo. Resta, pois, o terceiro traçado que, lealmente o confesso, não era o melhor, nem científica nem economicamente considerado; eu sabia de mais o que valia para o teu coração o sacrifício que se te vinha exigir; eu mesmo possuo memórias ligadas a estas árvores, e não há homem que, aos cinquenta anos, veja sem repugnância desaparecerem os vestígios dos seus tempos de infância e de juventude; mas sabia também que tu eras uma alma generosa e heroica, e que não duvidarias comprar, à custa das tuas dores e saudades, um melhoramento para esta terra, que tanto amas. Esta estrada, prometida há tanto, e concedida ainda agora de má vontade, corre o risco de se não fazer, se, quanto antes, não começarem os trabalhos; a menor oposição dos proprietários, o menor embargo dilatatório podem ser motivo para o seu adiamento, porventura indefinido. Por isto também me animei, porque contava contigo, Vicente. Enganei-me?

O ervanário estava cada vez mais pensativo.

— Pensaste bem. A velhice é assim; e eu queria dar mais importância a dois anos de vida, que me restam, do que à vida nova que vai haver para esta terra. Fizeste bem.

— Esperava ouvir isso mesmo de ti, Vicente. Além de que, dissipa as apreensões com que estás; em toda a parte terás árvores.

O ervanário interrompeu-o:

— Se não entendes o amor que eu tenho por estas, não faças por consolar me, Manuel, porque me afliges mais.

— Porém, deixa-me dizer-te, Vicente, que no Mosteiro, ou em qualquer das nossas propriedades, tens sempre um lugar vago à tua espera, tanto à mesa, como ao canto do fogão, e amigos que te receberão com prazer.

— Não receio ficar sem abrigo, Manuel. Em cada choupana de pobre teria teto e pão. Conto com a colheita de algum bem que semeiei.

A única coisa que o tio Vicente pede é a posição de mestre-escola para Augusto. É interessante a conversa que, pouco depois, o pai de Madalena tem seja com o brasileiro Seabra, seja com o Sr. Joãozinho

— Dou-lhes uma boa nova, meus senhores — disse o conselheiro, depois de cumprimentá-los — dentro em pouco temos os alviões a trabalhar cá na terra. Estive agora com o Vicente; recei resistências da parte do homem, que

nos obrigassem a expropriações judiciais, sempre demoradas. Mas não, achei o nas melhores disposições; e assim, dentro em poucos dias.

— Mas, para diante da casa dele, talvez os outros proprietários não sejam tão dóceis — lembrou o Brasileiro.

— Bem sabe que são terras insignificantes, cujos possuidores com pouco se contentam.

— Os antigos possuidores talvez se contentassem com pouco — disse o Brasileiro, sorrindo velhacamente — mas os modernos.

— Pois mudaram de senhorio?

— Por contrato de venda assinado e legalizado ontem mesmo.

— E quem os comprou?

— Este seu criado.

O conselheiro teve vontade de o esganar; conteve-se, porém, dizendo:

— Tanto melhor: quero-me antes com proprietários ilustrados e independentes, que compreendam a importância dos melhoramentos públicos, do que...

— Isso histórias, meu caro amigo; em primeiro lugar estão os melhoramentos particulares. Eh! eh! eh!

— Decerto que não há de querer pôr estorvos a uma empresa como esta.

— Estorvos, não, mas enfim. Amigos, amigos, negócios à parte.

O conselheiro sorriu, enquanto que interiormente mandava ao diabo o espírito mercantil e interesseiro do seu antigo discípulo:

— Pode-me dar duas palavras, Sr. Conselheiro? — requereu do lado o Sr. Joãozinho das Perdizes.

— Mil que pretenda — acudiu o conselheiro; e, tomando o braço do Morgado, afastou-se do grupo.

— Eu tenho a pedir-lhe um favor — começou o morgado. — Eu, como sabe, interesse-me muito pelo mestre-escola do Chão do Pereiro, que quer vir ensinar para aqui. Este negócio está empatado, como sabe; por isso queria que o senhor escrevesse para Lisboa a este respeito.

— Pois sim, mas. — fez-lhe notar o conselheiro — não sabe que é Augusto o outro concorrente?

— Então que tem isso?

— Não lhe parece que seria uma injustiça? Um rapaz de merecimento, como ele é, aqui da terra, que já exerce o emprego há três anos e com tanta inteligência! E havíamos de...

— É verdade, — atalhou o outro — pois isso é verdade, mas. Enfim, ele que passe para outra parte.

Podemos verificar que um dos temas centrais do livro é a vida política, e o conjunto de concessões que um político tem de fazer para se manter no poder. Mas os favores são dos dois lados

Chegada a época da discussão, o conselheiro, que sempre se mostrou ardente adversário da medida ministerial, e de quem se esperava uma oposição vigorosa e eficaz, pretextou súbitos negócios a chamá-lo à província, e partiu, prometendo voltar a tempo ainda de discutir a questão.

Depois de chegar ao Mosteiro escreveu para os amigos, lamentando que inesperados negócios de família o retivessem ali mais tempo do que contava, e alentando-os de longe à luta. No entretanto, a questão foi apresentada nas Câmaras: oradores tíbios e mal escutados acharam-se sós a combatê-la; apagadores oficiais e oficiosos abafaram a tempo a discussão; e, quando o conselheiro voltou a Lisboa, só pôde protestar nos círculos políticos contra o resultado da votação e expender as razões que deviam fazer repelir a medida.

Em recompensa eram concedidos melhoramentos para o círculo que o elegia; e entre eles a estrada que vimos começar. Tal fora o preço dela. Tudo isto trazia agora à luz a carta desencaminhada, que era do secretário do ministro, e que, no seu conteúdo, deixava ver claramente as condições do pacto.

O outro tema, que percorrerá o livro, é o poder terrível dos padres que chegaram na cidade. A cena de Ermelinda, sendo repreendida pela madrinha, mostra bem isso.

— Os três inimigos da alma te farão guerra, criatura, assanhados como cães raivosos. Eu previa isto. É o lucro de andar por essas casas de Satanás, onde não há religião nem temor de Deus. Ó meu divino Jesus, e para isto tanto padecestes por nós! E nós tão pouco caso fazemos dos vossos preceitos, meu doce Jesus, filho de Maria Virgem. Depois queixamo-nos da vossa justiça, quando já ardemos nos fogos do Inferno!

A pequena Ermelinda tremia cada vez mais.

Temos, após os três do Mosteiro quase serem mortos pela turba enfurecida incitada pelo missionário, a cena do Cancela com Ermelinda

— E foi tua madrinha que tos cortou?

— Foi, mas. É que o missionário tinha dito. O missionário é um santo! Não olhe para mim desse modo, meu pai, que me faz medo.

E cobria os olhos com as mãos, para não ver a expressão do rosto do Cancela.

— Querem matar-me a filha! — bradava ele. — Ó meu Deus! Pois não é isto um grande pecado? Fazer da criança, linda e alegre, que eu deixei aqui, esta desgraçada rapariga, sem cor, sem risos, sem alegria! Não é isto um crime,

meu Deus? Não se vos pode amar e servir, Senhor, senão com lágrimas, com penitência e com tristezas? Não! Mentem eles! Mente esse missionário! Mente essa mulher! Mentes tu, filha! E maldito seja quem traz assim o desespero ao coração de um pai!

Falta, apenas, no livro, a expiação de Augusto e a questão das eleições, que irá mover todo o restante da trama.

Como resultado final se saberá que foi Bento que roubou a carta.

No livro, todos terminam bem, menos Vicente e Ermelinda. É possível pensar, assim, numa homologia entre o que existe de mais atrasado (a influência perniciosa do clero) e o que existe de mais moderno.

O narrador e as eleições —

Leitor, se tens, como eu, esperança e sincera fé no sistema representativo, perdoa-me o obrigar-te a assistir a uma cena que faz subir a cor ao rosto de quem, como nós, abençoa os sacrifícios por cujo preço nossos pais nos compraram a nobre regalia de intervir, como povo, na governação do Estado, as franquias que nos emanciparam da caprichosa tutela de um homem, revestido de direitos impiamente chamados divinos, contra os quais o instinto e a razão igualmente se revoltam. A cena, porém, humilhante como é, não envolve a mínima censura à excelência do sistema; mas apenas aos que, nos quarenta anos que ele quase tem de vida entre nós, não souberam ou não quiseram ainda fazer compreender ao povo toda a grandeza da augusta missão que lhe cabe executar.